

# Argentina deve ter inflação anualizada abaixo de 100% em janeiro

Taxa acumulada em 12 meses deve atingir 85% no início de 2025; presidente Javier Milei promoveu corte de despesas, reduzindo a intervenção do Estado; pobreza segue em patamar alto



A inflação da Argentina deve chegar abaixo de 100% nos 12 meses encerrados em janeiro de 2025. A taxa anualizada deve atingir 85% no período, segundo estimativa da **agência de classificação de risco Austin Rating**.

A última vez em que a variação interanual da inflação argentina esteve em um patamar de 2 dígitos foi em janeiro de 2023 (98,8%), sob a presidência de Alberto Fernández (Partido Justicialista, esquerda). De lá para cá, o pico se deu em abril de 2024 (289,4%), já no governo de Javier Milei (La Libertad Avanza, direita).

# RAZÕES PARA DESACELERAÇÃO

Milei vem promovendo corte de gastos em sua administração, como a retirada de subsídios. Durante a campanha, o presidente argentino havia feito a promessa de que reduziria drasticamente as despesas. O simbolismo se deu ao erguer por diversas vezes a motosserra.

O libertário reduziu o número de ministérios de 18 para 9 em seu 1º decreto como chefe de Estado. Interrompeu a maioria das obras públicas e diminuiu o repasse de recursos para províncias, educação e saúde. Também vetou o aumento para aposentados. As medidas têm levado o país a registrar superavit fiscal mês a mês.

**Economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini** reforça que os preços de bens e serviços na Argentina continuam a crescer, mas em um ritmo menor. Ele diz haver algumas razões para a desaceleração brusca:

- **desvalorização do peso** – *“Os preços subiram muito no início do governo Milei por isso. Então, é natural que ao longo do tempo você tenha uma base de dados maior de comparação, mas o crescimento é menor”;*
- **atividade econômica fraca** – *“Em 2024, a Argentina deve ter uma queda do PIB de 3,5%. Em 2023, já havia tido uma queda de 1,6%. Com isso, a taxa de desemprego subiu bastante, saindo de 6,1% em 2023 para 8,2% em 2024. Então, esses fatores de desemprego em alta e PIB em queda também derrubam a expectativa de inflação. Você tem uma economia com uma situação de crescimento baixo, desemprego alto, aumento da pobreza e, obviamente, isso tem um impacto nos preços”.*

## POBREZA EM PATAMAR ELEVADO

Em 26 de setembro, o Indec (Instituto Nacional de Estatística e Censos) informou que 15,7 milhões de pessoas estavam em situação de pobreza no 1º semestre de 2024. Se estendido às áreas rurais, o número chega a 24,9 milhões de argentinos, resultando em 52,9% da população total do país nessa situação.

Esse número diz respeito à média mensal para os 6 primeiros meses do ano.

Na prática, o Indec indica que 3,4 milhões de argentinos passaram a figurar em situação de pobreza nos 6 meses iniciais da gestão de Javier Milei. Ao todo, 5,4 milhões de argentinos estão em pobreza extrema (18,1% da população).

Em 19 de dezembro, o Conselho Nacional de Coordenação de Políticas Sociais projetou a taxa de pobreza em 38,9% no 3º trimestre de 2024.